

PERSPECTIVAS HISTÓRICA, CURATIVA E FUNCIONAL EM BELOVED

Por Andréa Santos.

“Quero o rosto dela. Não a ame demais. Eu a amo demais.
Cuidado com ela; ela pode lhe dar sonhos.
Ela mastiga e engole
Não pegue no sono enquanto ela trança seus cabelos.”
(Morrison, *Beloved*, 253)



No romance **Beloved** [*Amada*], Toni Morrison questiona as diversas diferenças entre classe, raça e gênero desafiando a ótica geral da realidade branca de classe média e da mulher. Entretanto, restrinjo-me a analisar o comportamento das personagens do romance, descobrindo a razão e uma maneira de ver o título da narrativa historicamente [neste caso lê-se no original **Beloved**]. O principal objetivo é identificar a influência de *Amada*¹ [o fantasma do bebê] em cada personagem da narrativa, enfocando este objetivo nas personagens *Sethe*, *Paul D Garner* e *Denver*, através deles podemos ver o tempo como fator crucial neste enredo — se comparado com outros autores contemporâneos, pois, Morrison deixa o tempo circular - misturando o presente e passado simultaneamente. Com esta mistura, podemos identificar melhor e responder as três principais questões da narrativa: Quem é Amada? Qual é a minha melhor “coisa”? De que modo assumir o que sou?

Como atrás de toda narração existe outra, o título da obra morrisoniana tem bases historiográficas. Consta em história oficial que -em 1820- fora criado o termo **Compromisso do Missouri** para evitar a criação de novos estados escravocratas pelo então congressista David Wilmont da Pennsylvania, aos contemplados pela lei dava-se o nome de ‘Beloved’. Por conseguinte, para aliar-se a este termo, o estadista Henry Clay, em 1850, estendeu a **Condição de Wilmont** ao distrito de Columbia, abolindo a escravidão neste estado e ainda ampliando a lei aqueles escravos fugitivos – estes poderiam retornar aos seus territórios. Também a esta porção regressiva denominava-se ‘Beloved’.

A história da escravatura na América do Norte tem um longo e ignorado ponto de vista, todavia, mais de seis mil escravos e ex-escravos no curso de dois séculos e meio contaram a história deles. Aos anos que precedeu a Guerra Civil, as narrativas de ex-escravos e as autobiografias contribuíram notavelmente para vencer a escravatura. Dentre elas, encontra-se a narração de **Margaret Garner**² -uma escrava fugitiva do Kentucky, que mata a filhinha quando pressente a aproximação da sua captura, mata-a com a finalidade dela não viver os horrores da escravidão. Na real história, a fuga não foi um ‘sucesso’, a mulher é reconduzida ao Kentucky e novamente a condição de escrava. Na ficção, Sethe também mata a filhinha [Amada], porém não é reconduzida para a fazenda *Sweet Home* – mas é atormentada pelo fantasma do bebê morto.

A habilidade que Toni Morrison tem em combinar a realidade e o sobrenatural em **Beloved** é fascinante. Pois, a autora entretete extraordinariamente a vida de escravo que concluímos ser bastante acreditável ao leitor – percebemos, então, o fantasma da narrativa tornar-se parte da realidade. Ela, Amada, torna-se acreditável quando se materializa aos 18 anos, representando as recordações e o passado, exigindo outras lembranças para explicar o presente e forçando-nos lembrar sempre. A provável razão do uso da *story-telling* pela autora, é para ajudar aos leitores - e principalmente, aos afro-americanos a retornar à suas raízes: onde o fantasma e sobrenatural ainda existe. Envolve uma grande ênfase, pois o enredo morrisoniano está usando os antepassados e redescobrimo as raízes que resultará na procura do próprio ego da raça negra. Com **Beloved**, ela desejou escrever um livro no coração da escravatura - a memórias dos milhões de mortos no famigerado ‘*Middle Passage*’ entre a África e a América, entre os vivos e os mortos, entre o passado e o presente para assumirmos a responsabilidade de nos recordar.

Podemos ver este raciocínio aplicado nas personagens *Baby Suggs* e a mãe de Sethe que são símbolos da ascendência afro-americana na narrativa. Uma representa o ideário de uma mulher afro-americana a qual nunca se rende e é o ponto alto da família, a outra representa o modo instintivo feminino e protetor.

¹ Para distinguir o título da personagem, usarei *Amada* para denominar a protagonista e **Beloved** a obra.

² **Garner** é o nome que Morrison dá aos proprietários dos escravos da Sweet Home: Baby Suggs, Sethe, Paul D Garner, etc. Homenagem à escrava.

Outra perspectiva é a cura, um tema presente na obra; características diferentes passam pelo processo curativo. Há diferentes tipos de cura como a do amor e a do ego. Sethe passa pelo processo do ego regenerado, para o leitor é fator importantíssimo na narrativa esta passagem. Um dos processos regenerativos dela é o encontro acidental com **Amy Denver** [escrava branca e também fugitiva]: quando se encontram não confiam uma na outra, apesar de toda situação desesperadora e a cor da pele fortalece esta desconfiança. Desconfiança ensinada e incentivada a elas pelas diferenças físicas raciais, capaz de influenciar nas atitudes. A postura de ambas personagens no discurso morrisoniano, mostramos a discriminação e o preconceito que evolui há décadas na sociedade onde vivemos. Eventualmente elas aprendem a confiar uma na outra, Amy cura as feridas de Sethe e será a parteira eventual do nascimento de sua segunda menina que terá o nome de Denver. Até mesmo as diferenças culturais elas superam e agora possui um laço: a filha de Sethe, Denver.

É notória a presença da sociedade racista nos romances morrisoniano. A narrativa ocorre durante a guerra civil, época em que os escravos estão à procura de uma nova vida, longe da sofrida escravidão. No enredo, enfatiza-se a dor e sofrimento apresentando a vida serviente dos afro-americanos. O ‘regime’ escravocrata desnivelou bastante a raça negra, deixando esta raça inúmeras vezes em condição animaléscas. Estes homens e mulheres eram seres livres em seus países – mas isto não fora levado em consideração por nenhum escravagista e tampouco pelo país escravocrata. Não existiam semelhanças entre negros e brancos - mesmo que este último esteja em condição igualitária como a do analfabetismo, nada, jamais os assemelhavam. Mas para Toni Morrison há condições de paridade entre negros e brancos a nos mostrar: temos – então- Sethe e Amy Denver. Ela ainda nos deixa a idéia que *não devemos definir o outro pela cor ou pela aparência, temos que conhecê-lo para saber quem é.*

Beloved é estruturada em três partes para prender a atenção do leitor. Na primeira, temos: *a 124 era rancorosa*³ (11), cheia de maldade. Na segunda parte: *havia barulho na 124* (197) e na terceira parte: *a 124 estava silenciosa*. (279) Este começo meio repetitivo das partes é uma característica diferente, ajudando o leitor a entender e identificar como evolui o fantasma ao longo da narrativa. No início, o fantasma era uma criança brava [a 124 rancorosa], que se materializou em humana [a 124 barulhenta] e que partiu da 124 [silenciosa] indicando a finalização da fase pré-ediipiana.

Para seguirmos a análise introduzo as palavras do poeta senegalês **Imail Birapo Diop**:



**Aqueles que estão mortos nunca se foram
Eles estão mortos no seio da mulher
Estão na criança se lamentando
Na fogueira que arde.
Os mortos estão debaixo da terra:
estão no fogo que está morrendo,
nas gramas que se lamentam,
nas pedras choramingando,
nas florestas,
Eles estão em casa.**

E assim é **Beloved**, uma história completa: uma casa assombrada: *A 124 ERA RANCOROSA. Cheia de maldade de um bebê. As mulheres sabiam disso, e as crianças também. Durante anos, cada qual lidara com o fato a sua maneira; por volta de 1873, contudo Sethe e sua filha Denver eram as únicas vítimas. A avó, Baby Suggs, estava morta; os garotos, Howard e Buglar, tinham fugido aos treze anos...* (11).

E com luzes estranhas, odores e sons e um animal que pode sentir a presença do sobrenatural: *E, quando o espírito do bebê pegou Here Boy e atirou-o contra a parede com a força suficiente para quebrar duas de suas patas e deslocar um olho, fazendo-o entrar em convulsões e morder a língua, ainda assim mamãe não desviara o olhar.* (22)

A narrativa está centrada na vida da escrava fugitiva - Sethe - que assassinou uma das filhas para poupar-lhe a escravidão; de Denver, a filha que não fora sacrificada e vive com sua mãe na 124 da Bluestone Road. Na nova morada, a relação entre mãe e filhas (o fantasma e Denver) é fortíssima, o espectro do bebê instaura uma fase pré-ediipiana de difícil rompimento [podemos ver esta fase como a metáfora da decapitação do bebê como uma continuação para evitar a separação]; esta situação incomoda Denver, mas Sethe há tempos vem se acostumando com as manifestações de sua filha morta. A situação das duas muda quando Paul D Garner [também, escravo fugitivo da Sweet Home] chega a 124. Primeiro, Ele tenta exorcizar o fantasma da casa, contudo o espectro retorna em formato de uma jovem de quase 18 anos, identificando-se com o nome da lápide do bebê morto de Sethe: “Amada” (67). Quando o espectro, agora, materializado ganha o controle da casa, tenta dominar Sethe, forçando-a a reencontrar o passado.

³ Toni Morrison, Amada (Beloved). Tradução: Sarah Kay Massaro. 1ª edição. São Paulo. Nova Cultural, 1987. Todas as referências itálicas (a partir deste ponto) serão desta obra, indicarei apenas a página após a citação.

Sethe começa a narrativa recusando-se enfrentar seu passado; Amada vem exigir explicações a ela. Deste modo, o espírito da filha pode ser visto como sua memória, servindo muitas vezes de terapia, fazendo-a renascer. Quando Sethe percebe que ela é a sua filha passa a justificar-se pelo ato do passado: —*Essa música é minha – disse Sethe – Eu inventei e cantava para minhas crianças. Ninguém a conhece, a não ser eu e meus filhos. — Eu sei. Disse Amada olhando bem em seus olhos. (204/205).*

Embora, Sethe tenha compartilhado parte de sua história com Paul D, ela não pode lhe contar tudo. A jovem pode tirar dela coisas que nãoalaria para ninguém: —*Onde estão seus diamantes? — Amada examinou o rosto de Sethe... — Conte-me. Pediu Amada, ...—Diamantes?... Tive brincos de cristal uma vez. Um presente da senhora para quem eu trabalhava. —Conte-me – pediu Amada, com um sorriso largo e feliz. — conte-me sobre seus diamantes.(74)*

Há uma explícita antítese entre Amada e Sethe, pois, o espírito materializado do bebê veio para proporcionar a Sethe uma saída da grande culpa carregada; entretanto, torna-se a negação dessa liberdade. A culpabilidade dela não permite amar nem ser amada. Lembramos que na fase quando fantasma ainda é intocável, Paul D toca nos seios de Sethe e o espectro ataca e desenlaça o casal: *Oh Deus, menina. E percebeu que não teria paz enquanto não tocasse com a boca cada dobra, cada folha. Sethe nada poderia sentir, porque a pele negra estava morta havia anos. O que ela sabia era que a responsabilidade por seus seios, finalmente, encontrava-se na mão de outra pessoa. ... Nua dos ombros até a cintura, aliviada do peso dos seios, cheirando de novo a leite roubado e o prazer de assar o pão.. . —Maldição! Fique quieto! ...- Deixe este lugar em paz. Dê o fora daqui. Uma mesa veio correndo em sua direção e ele agarrou-a por uma perna... (29)*

Seria Paul D a única cura para expulsão do simulacro? A consciência de Sethe manifesta o espectro, não permitindo que seja expulso por Paul D. As tentativas de Sethe em minorar seu delito no passado são irônicas, visto que ela piora e trabalha para uma escravidão psicológica mais intensa do que a da Sweet Home, lugar onde fora escrava.

Também, Paul D Garner comprovará que não pode armazenar o passado em uma lata de fumo fechada; precisa saber quem é e colocar sua história próxima a de Sethe. Amada mecaniza, ainda, o passado de Paul D como uma incorporação da alma da mãe - ela sabe que nada melhor que a dor da memória para esquecer as mazelas do passado. Busca [Amada] a força uma afinidade pervertida com Paul D para impedi-lo de se livrar da lata de fumo que seria suas recordações reprimidas – são degradações e abusos da sua escravidão, esta lata substitui seu coração e faz dele invulnerável. Amada o seduz na “*casa-fria*” procurando assim uma “ferrugem” [fraqueza] e conseqüentemente a exposição de seu coração:

Quero que você me toque lá dentro e me chame pelo nome.
Paul D não se preocupava mais com a sua lata de fumo. A tampa estava fechada pela ferrugem. Assim, quando ela levantou a saia e girou a cabeça por cima do ombro, ..., ele só olhou para a lata de banha, brilhando como prata sob o luar...

Quero que você me toque lá dentro. E tem que me chamar pelo nome.
...
—Amada – Ele disse, mas ela não foi embora. Chegou mais perto com uma passada que Paul D não ouviu, como também o murmúrio que as lascas de ferrugem soltarem ao caírem da beirada da tampa de sua lata de fumo, ele não percebeu quando a tampa se abriu. Apenas surpreendeu-se dizendo ao atingir a parte de dentro:

— Coração vermelho. Coração vermelho – Sem parar. Baixinho depois alto... (139/140).



Da mesma forma que toca o passado dele, ela “move e toca” toda casa sistematicamente mais e mais longe de Sethe: porque Paul D é o único [nesta fase do romance: a primeira] que mostra potencialidade para ajudá-la a superar seu passado.

Apesar de toda esta potencialidade de superação, no final da primeira parte da narrativa, a culpa de Sethe é renovada quando **Stamp Paid** conta a Paul D a história do homicídio cometido por sua querida Sethe através de um recorte de jornal: *Sim, ele estivera se decidindo se devia ou não lhe mostrar aquele recorte de jornal com o desenho de uma mulher. (182) // Assim, Stamp Paid não contou nada. Em vez disso, respirou fundo, inclinou-se sobre o recorte de jornal e começou a ler devagar as palavras que Paul D não conseguira decifrar. (185)*

Paul D insere o comentário do que fora o amor dela e que ela não é um bicho selvagem, e sim um Ser Humano: —*Você tem dois pés, Sethe, não quatro. – Neste instante, uma floresta cresceu entre eles. Silenciosa e sem trilhas. (192)*

E lembra que Amada o embarça. Ele está livre do passado, a regressão ao passado emancipou o seu **ego**; da mesma forma que Amada contribuirá emancipação do ego de Sethe.

A outra função de Amada é para geração futura: Denver. Ela soube do homicídio realizado por sua mãe através de um colega de classe, não fora capaz de discutir o assunto e perde a audição: *Denver devia ter rido ou empurrado o garoto, mas não havia maldade em seu rosto ou voz. Só curiosidade. Contudo, a coisa que saltara sobre ela ao ouvir a pergunta estivera lá o tempo todo. ... Por dois anos Denver refugiou-se num silêncio sólido demais para ser penetrado, mas que deu a seus olhos um poder que ela própria considerava inacreditável.* (123-124)

É o espectro que recupera a sua audição dela: *O retorno da audição de Denver – perdida pelo som da resposta que ela não pudera suportar e recuperada pelo som da irmã morta tentando subir a escada – marcou outra mudança no destino das pessoas da 124.* (124)

Deste modo o fantasma, também, joga com a vida de Denver. Ela é a primeira a entender quem é Amada e ainda a primeira a ter medo que a mãe cometesse outro assassinato: *Tinha certeza de que Amada era o vestido branco que se ajoelhou ao lado de Sethe no quarto, a presença encarnada de bebê que lhe fizera companhia por tantos anos.*(142) // *AMADA É MINHA IRMÃ. Engoli seu sangue junto com o leite de minha mãe. A primeira coisa que escutei depois de muito tempo sem ouvir nada foi o som dela engatinhando pela escada. Amada foi minha companhia secreta até Paul D chegar.* (240)

Com as atitudes de irmã, Denver muda de opinião começando a temer o bem-estar da mãe: ... *– proteger Amada contra Sethe – não era necessário. Agora precisava proteger Sethe, contra Amada. Do contrário a mãe poderia morrer, deixando as duas sozinhas.* (284)

Neste momento, Denver percebe que não pode ser vítima de uma “consciência”, assim ela começa a ajudar a mãe e saindo em busca de ajuda, desta forma - está destruindo indiretamente Amada. Ela decide trazer ajuda para casa com a cooperação dos vizinhos [acontece, então, neste momento uma inversão de atos - pois quando Baby Suggs morreu, Sethe isolou-se dos vizinhos rejeitando o amparo deles. Agora sua filha busca auxílio justamente daqueles que ela rejeitou: *Assim, Baby Suggs, a santa, depois de ter dedicado a sua vida livre ao amor e à harmonia, fora enterrada em meio a uma verdadeira ciranda de orgulho, medo, condenação e despeito.*(200)].

Com esta procura, Denver consegue um emprego na casa dos **Bodwin** [esta fora à família que amparou a sua avó quando atravessou o Missouri]; quando o Senhor Bodwin vem buscar ela para seu primeiro dia de trabalho, ele provoca a memória de Sethe: *Sethe sente os olhos queimarem. ... abaixa os olhos para contemplar de novo os rostos amorosos a sua frente e o vê. Puxando as rédeas, diminuindo o trote, o chapéu de abas escondendo o rosto mas não seu propósito. Vai entrar em seu jardim e pegar o que ela tem de melhor. Ouve o barulho de assas. Pequenos colibris enfiam os bicos em seu cabelo e batem asinhas. E, se pensa em alguma coisa, e num não. Não. Não não. Não não não. Ela voa. O picador de gelo não está em sua mão. Ele é sua mão.* (305)



E causa o vôo de Amada e ela explode. Percebemos então que a 124 realmente está tranqüila quando o narrador nos diz: ... *Às vezes a fotografia de um parente ou amigo íntimo – quando contemplada tempo demais – se modifica e algo mais conhecido do que aquele rosto querido se move ali.* (321)

Então vemos a volta de esperança de um futuro na 124: *Pouco a pouco, todos os vestígios vão desaparecendo, e o que foi esquecido não são apenas pegadas, mas também a água e o que ela tem lá no fundo. O resto é clima. Não a respiração dos esquecidos e não registrados, mas o vento soprando ... ou o gelo derretendo depressa demais no início da primavera. Simples clima. Certamente nenhum clamor por um beijo. Amada.* (321)

Com esta breve visão da influência da personagem Amada nas vidas de Sethe, Paul D Garner e Denver, viu-se que a atuação principal foi resgatar o passado dos dois primeiros e o futuro de Denver que se fortalecera com a quebra do passado da mãe.

Em relação ao narrador do romance, ele funciona como um coletor de memória guiando vários personagens para um tema comum: fuga de Sethe da Sweet Home e assassinato de sua filha. O narrador sonda as mentes das personagens: Paul D, Denver e Sethe (282) a procura de respostas às perguntas temáticas:

- ❖ **Quem é Amada?** É o ponto crucial onde todos têm que decidir se não são melhores que a soma das suas partes;
- ❖ **O que é a minha melhor “coisa”, Sethe ou as crianças?** Neste caso, vimos que é Sethe: — *Sua melhor parte. Sethe, você é sua melhor parte.* (319)
- ❖ **De que modo assumir o que sou?** Assumindo o passado, sabendo lembrá-lo. Na narrativa, a protagonista foge da Sweet Home- porém, ao viver sua liberdade escraviza-se psicologicamente com o passado, sem perspectivas de presente. O narrador ainda

nos diz que estas perguntas não são algo para uma próxima geração, mas algo que temos que experimentar: *Essa não é uma história para se passar adiante.* (321)

Outro aspecto da escrita de Morrison é o uso de narradores múltiplos. Nesta obra o narrador não é necessariamente onisciente como em outros romances. Ela muda os narradores que passam por cada característica do enredo, desta maneira o leitor vê cada caracteres e adquire um ponto de vista diferente a cada tempo. Nenhuma narrativa no enredo é mais importante que a outra, toda narração parece sustentar o mesmo peso, assim tudo é pertinente à história e nada se concentra em uma única história.

Assim Toni Morrison faz nossas mentes desejar saber mais sobre a vida como ela é. Ela faz-nos pensar em importantíssimas questões da vida como: o que é o poder, o amor? Qual o real custo da vida e como nos definimos? Estas perguntas diferem a vida de quem lê Morrison e principalmente a dos afro-americanos. Como podemos ver com esta concisa análise a escrita morrisoniana transcende sem dúvida raça, caráter, diferenças e tempo no universo da literatura.

